

AS MARCAS DE ORALIDADE NO DIÁLOGO FICCIONAL DO CONTO *O POÇO*, DE MÁRIO DE ANDRADE

Noslen Nascimento Pinheiro

Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – PUC/SP

RESUMO

Neste artigo, investigamos as marcas de oralidade em um texto literário. A partir dessa constatação, a análise fundamenta-se na premissa de que adotar no texto de ficção os aspectos de uma conversação oral é um artifício do autor para envolver o leitor na narrativa, aproximando-o o mais possível da realidade. O *corpus* utilizado é um excerto do conto *O Poço*, de Mário de Andrade. Utilizamos duas bases para a pesquisa: a macroanálise e a microanálise da conversação, as quais propiciam o delineamento de um modelo teórico de análise, a fim de relacionar o texto escrito ficcional com uma realidade falada. Para embasamento teórico, traçamos nosso referencial, principalmente, a partir dos estudos de Coseriu (1987), Marcuschi (2001) e Preti (2004).

Palavras-chave: Texto literário. Oralidade. Diálogo Ficcional.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na história da humanidade, a busca por maneiras de expressar seus pensamentos e seus feitos levaram o homem a desenvolver artifícios para se fazer compreender. Sua comunicação, fundamentada em gestos e garatujas primitivas, evoluiu gradativa e paralelamente para sons articulados até se transformar em linguagem, aprimorada com o passar do tempo até constituir uma forma de comunicação interativa, a fala. O homem passou então a narrar suas façanhas e seus anseios, conduzindo-os por um fio oral de geração em geração.

Considerando, assim, essa tradição oral e transportando-a com o passar do tempo à potência perene e tangível da escrita, o enredo literário decalcou civilizações, deixando suas narrativas como um legado para a posteridade. Nessa perspectiva, podemos inferir que a literatura sempre ocupou papel efetivo como expressão do homem e das relações que ele estabelece com seus semelhantes, o que levou o indivíduo a buscar adaptar-se ao meio social e ao seu tempo.

Numa outra perspectiva, grandes escritores de todos os tempos procuraram continuamente retratar suas personagens o mais próximo possível da realidade, mesmo que,

paradoxalmente, de uma realidade idealizada. Nesse âmbito, de acordo com Preti (2004, p. 118), “podemos dizer que, em todos os momentos da literatura, encontramos autores que se deixaram influenciar pela oralidade, levando para a escrita variantes que deveriam ter sido comuns em seu tempo”.

Quando tratamos da literatura brasileira, nosso histórico apresenta autores que, de várias maneiras, procuraram ilustrar nossa cultura e nossa gente em suas obras. Conforme Pinheiro (2008, p.11), na primeira fase do movimento modernista, numa atitude inovadora, seus adeptos tentaram transformar a arte tradicional literária, buscando o novo com a ampliação das possibilidades estéticas a partir da descoberta de novas formas e uso de linguagens expressivas. “Como consequência, houve um rompimento com as concepções acadêmicas, o que gerou uma tendência de valorizar a oralidade da língua, que serviu de elemento fundamental para distinguir uma literatura tipicamente brasileira”. Nessa esfera, Mário de Andrade procurou buscar uma identidade cultural brasileira, usando, para isso, os falares do povo.

Essa transposição do linguajar do povo para o texto escrito pode ser percebida no conto de Mário de Andrade *O Poço*, compilado de seu livro de contos *Contos Novos*. Neste artigo, nossa análise para esse conto abarca duas vertentes modernas de análise das variações linguísticas sugeridas por Preti (2004): a macroanálise e a microanálise da conversação, na tentativa de relacionar o texto escrito com a realidade falada por meio das marcas de oralidade no diálogo ficcional. Essas marcas podem ser reconhecidas a partir de certas estratégias conversacionais empregadas pelo autor em seu texto, nos diálogos de suas personagens, com vistas a alcançar o efeito desejado, permitindo ao leitor vivenciar aspectos da oralidade que está acostumado a ouvir.

Feitas as primeiras considerações sobre o foco deste artigo, passamos a algumas observações sobre a oralidade na escrita para, em seguida, nos ocuparmos da análise do *corpus* escolhido.

A ORALIDADE NA ESCRITA: ASPECTOS CONCEITUAIS

Muito já foi apregoado que uma língua é um conjunto de variedades e que podemos considerá-la como o código usado por um corpo social, compreendendo o sistema e suas unidades (fonemas, morfemas, sintagmas), com suas várias possibilidades de combinação, bem como as estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes em sua interação.

A partir dessa definição, podemos inferir que, quando tratamos de uma *comunidade linguística*, estamos nos referindo a um grupo de utentes que se consideram falar a mesma língua, que se compreendem mutuamente por internalizar a cultura dessa língua, ter conhecimento de suas leis combinatórias, das acepções das palavras de acordo com o contexto vigente no momento da interação.

Apesar de haver certa unidade entre esses falantes, a língua articulada não é homogênea. Essa heterogeneidade se deve principalmente pelo fato de existirem dois aspectos básicos para promover a variação linguística: o usuário e o uso que ele faz da língua. Ao falante estão vinculados os fatores psico-sociogeográficos, ou seja, aqueles que influenciam e determinam a fala do usuário, como o lugar onde o indivíduo nasceu e cresceu e/ou onde mora, bem como sua idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, sua personalidade, dentre outros — o que configura o *dialeto*, segundo Leite (2005).

Já em relação ao uso, contribui a situação de comunicação: ambiente, assunto, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os interactantes, época em que ocorre o ato comunicacional, intenção comunicativa, etc. — esta compõe o *registro*, segundo a autora. Assim, concordamos que o falante terá que se adaptar ao contexto em que se insere, de formalidade ou informalidade, que repercutirá em sua linguagem, para adequar-se à situação de comunicação. (PRETI, 1999)

Vale ressaltarmos que, além de termos no Brasil um aparato considerável de falares, há um padrão ideal de linguagem: uma norma tradicional, também denominada prescritiva ou explícita. E é a partir desta que se estabelece um critério de avaliação dos dialetos e registros, isto é, quanto mais distante da norma, a língua articulada terá menor prestígio; se mais próxima, a variação terá maior reconhecimento. Nesse aspecto, na visão de Coseriu (1987), a *norma* linguística é um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais. Em outras palavras, a *norma* é a tradição à qual todos os falantes de uma comunidade linguística estão submetidos.

Numa acepção mais genérica, cabe acrescentarmos que o autor (1987) compõe a teoria tripartite “sistema, norma e fala”, em que o *sistema* se compõe de entidades muito gerais e abstratas, todas igualmente válidas, a partir das quais é possível e facultativa a escolha. A *norma* é a realização coletiva do sistema que estabelece uma aplicação em detrimento de outra; é explicitada nas gramáticas normativas e detém posição hierárquica superior às outras variedades, porque ela representa o “bem falar”. A *fala* configura a realidade concreta, o uso em si, pois ela é o que move a comunicação.

Aléong (1983 citado por LEITE, 2005) estuda a língua como um fato social, um aparato simbólico, analisável a partir de sua inserção na sociedade, na cultura de que faz parte. Sua teoria propõe a distinção entre as normas *implícitas*, inerentes aos grupos sociais que a atualizam na oralidade e na escrita, e as normas *explícitas*, codificadas e promovidas principalmente pela escola, gramática e dicionário. Desse modo, acreditamos que é o estudo das normas implícitas o que torna possível o conhecimento da língua efetivamente utilizada pela comunidade linguística.

A partir da distinção de Aléong (1983), tomamos as normas implícitas para desenvolver uma análise dos aspectos da oralidade em um texto escrito. Entretanto, apesar de tentarmos distinguir as marcas da linguagem oral em um texto literário ficcional, é preciso lembrar que fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua que se utilizam do mesmo sistema linguístico, embora possuam propriedades distintas (KOCH, 2003).

Segundo Preti (2004), é na língua e pela língua que indivíduo e sociedade se definem. Ela é a marca social do grupo dentro de uma comunidade linguística, um elemento identificador. E, em se tratando da língua falada, não podemos pensar que ela é desordenada, visto que tem uma organização própria, internalizada, que os utentes apreendem a partir do uso diário e cujas categorias de análise diferem da gramática da língua escrita. Assim, ainda de acordo com o autor (2004), a análise das marcas de oralidade em um diálogo ficcional pauta-se exclusivamente em dois eixos: a macroanálise textual e a microanálise.

A análise da conversação literária, quando da macroanálise textual, segue as informações trazidas pela enunciação, o contexto histórico-político-social – sem desprezar os conhecimentos pessoais do analista –, que muitas vezes o autor não fornece e que deve ser pesquisado e esclarecido pelo pesquisador. Observam-se, nesse caso, os seguintes aspectos apontados por Preti (2004):

→ as variáveis sociogeográficas: faixa etária, gênero, profissão, posição social, tradição linguística, diferença de grupo, lugar onde nasceu, cresceu e/ou mora, nível de escolaridade.

→ as variáveis psicológicas: confiança interpessoal: grau de intimidade; estado emocional: medo, dor, alegria, etc.; a personalidade: timidez/desembaraço; motivação: conjunto de processos que dão ao comportamento uma intensidade, uma direção determinada e uma forma de desenvolvimento próprias da atividade individual; a percepção da diferença linguística: padrão/não padrão.

→ a expectativa/atitude linguística: aproximação ou afastamento dos ideais linguísticos do interlocutor; julgamento sobre o valor de uma variedade linguística, o prestígio linguístico, o que leva a instabilidade e a alterações na atitude do falante/ouvinte no ato comunicacional.

→ a situação de comunicação: quando se processa a comunicação: época e momento; assunto: familiar, empresarial, amizade etc.; relação entre os interlocutores: intimidade/cerimônia/descontração etc.; intenção comunicativa: para que se fala: convencer, entreter etc.; ambiente: escola, família, empresa etc.; grau de exposição: público/privado.

A microanálise textual, ainda de acordo com Preti (2004), segue as informações trazidas pela situação interacional, são as marcas detectáveis no texto/diálogo, ou os elementos pragmáticos do texto, mas também os traços de interatividade presentes no diálogo escrito. De modo geral, são as estruturas manifestadas na fala como estruturas sintáticas simplificadas, como o uso do pronome de terceira pessoa como objeto, elipses, justaposições em vez de subordinações etc.; uso do pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito ou o presente do indicativo em vez do imperativo; emprego de repetições de palavras, como o vocativo e o pronome “você”; adoção de um léxico (adjetivos, verbos etc.) mais simples, mais coloquial; correções; reforço da interação por meio de dêiticos temporais (amanhã, agora, na próxima semana, etc.) e espaciais (aqui, ali, lá) e interjeições; aproveitamento de frases feitas e expressões idiomáticas; além do uso de solecismos, marcadores conversacionais, hesitações, sobreposição de vozes e alternância de turnos, dentre outros, que podem indicar proximidade/afastamento, clareza/ocultação, conhecimentos compartilhados, etc.

ANÁLISE DO TEXTO *O POÇO DE MÁRIO DE ANDRADE*.

O texto que analisamos foi escrito, em sua terceira versão, em 26/12/42. Esse *corpus* foi escolhido por apresentar as marcas de oralidade bem distintas em seus diálogos. Não menos importante é o fato de Mário de Andrade nos expor suas personagens de modo bem claro e nos fornecer a ambientação pormenorizada, o que nos permite caracterizar a situação de comunicação e as personagens com traços bem específicos.

A ambientação é focada em uma fazenda cafeeira próxima a Mogi das Cruzes (SP) no início da década de 1940. Ali, além de desenvolver a cafeicultura, uma prática que começou a entrar em declínio na década anterior, o fazendeiro Joaquim Prestes se dedicava à apicultura – no Brasil, as primeiras colônias de abelhas *A. mellifera* foram introduzidas a partir de 1840,

oriundas da Espanha, Portugal, Alemanha e Itália (PEREIRA, 2011) –, que foi iniciada em Mogi das Cruzes no mesmo período. Além disso, o latifundiário se autodenominava “introdutor do automóvel naquelas estradas” e ocupava-se com os pesqueiros construídos na fazenda, uma “mania dos fazendeiros ricos”. De acordo com Benincasa (s.d),

as sedes das primeiras décadas do século XX possuem uma arquitetura singela, em que desaparecem os adornos, pode-se dizer que se trata de uma arquitetura muito prática destinada prioritariamente ao trabalho e não tanto à moradia: o proprietário de fazenda já não morava mais no campo. Foi comum, nessa região, um mesmo proprietário ter várias fazendas. A facilidade de locomoção, agora através de automóveis, possibilitava o rápido deslocamento entre as fazendas e as cidades, e facilitava a administração de várias propriedades.

Mário de Andrade elenca algumas características do fazendeiro, a ponto de resumir a personalidade do homem com poucas palavras: “Caprichosíssimo, mais cioso de mando que de justiça, tinha a idolatria da autoridade” (ANDRADE, 1999, p. 57). Sabemos ainda que a riqueza de Joaquim é uma herança de seu pai, fato que é importante para o desenvolvimento da história, já que o fazendeiro nunca precisou trabalhar duro para conseguir o que tem. Apenas soube administrar a fortuna e a fazenda deixadas para si. Era um homem duro, com 75 anos, que não sentia muita empatia pelos problemas alheios.

Mais ainda, Prestes estava preocupado com a construção de um poço perto da casa de pesqueiro ao lado de um rio, uma benfeitoria para si e para os visitantes, pois “não se contentara mais com a água da geladeira, trazida sempre no forde com dois termos gordos” (ANDRADE, 1999, p. 58). A obra ficara por conta de seus homens, que sabiam de tudo um pouco: eles construíram a casa da fazenda, eram encarregados de serviços vários na localidade e edificavam as demais instalações. O narrador apresenta os operários da fazenda como homens tristes, “jogados ali”, naquela fazenda.

Cabe lembrarmos que a rudeza de Joaquim Prestes era conhecida. Ele não era homem de conversa, mas de ordens. Assim, em um dos dias em que visitava o local, Prestes quis saber sobre o progresso da escavação do poço; mas, quando chegou ao local da escavação, viu os seus empregados aquecendo-se à beira do fogo, devido ao dia muito frio e chuvoso. Por isso, a obra estava atrasada, mas graças ao frio e à umidade do inverno, não por preguiça dos funcionários. Era impossível trabalhar com as paredes enlameadas e com risco de

desabamento. Por esse motivo, os agregados encarregados da escavação interromperam suas atividades.

Contrariado, o proprietário acabou aceitando a interrupção da obra; no entanto, ao mostrar a construção para seus visitantes, deixou cair sua caneta dentro do poço. Muito trabalho então acontece em busca da caneta afundada. De maneira tirana, obrigou seus empregados a tentar resgatá-la, e quem se prontificou a realizar a tarefa foi um empregado raquítico e doente – a tuberculose era uma moléstia que assomava a população brasileira até o início da década de 1940; os tratamentos eficientes só começaram a surgir a partir de meados daquela década –, mas adequado para descer no poço, o Albino.

Algumas tentativas infrutíferas, o jovem desceria outra vez para continuar a labuta, mas o irmão do rapaz, José, nota que Albino não aguentava mais trabalhar. E, para piorar a situação, o clima cada vez mais árduo e o mergulho no lamaçal do poço só pioraram sua situação. Com peso na consciência, José diz para o patrão que seu irmão não desceria mais. Joaquim fica indignado com a ousadia do empregado, mas percebe que está mesmo difícil trabalhar no poço, então libera o pessoal e diz para José não tratá-lo mais daquela maneira, já que ele (Joaquim) era o patrão. O clima, a partir disso, torna-se tenso, carregado de muita discussão, o que leva um dos homens a afrontar Joaquim Prestes com seu pedido de demissão. Entretanto, o patrão era quem demitia: a decisão de afastar-se não podia partir de um simples empregado.

Dias depois, já afastadas as dificuldades climáticas, os empregados puderam resgatar a caneta do lamaçal, entregando-a limpa, num embrulho, ao patrão como se fosse um objeto sagrado. O fazendeiro abre o embrulho e testa a caneta, mas ela não estava funcionando; Joaquim fica bravo, joga a caneta no lixo e abre uma caixinha que tira de uma gaveta, lá há diversas lapiseiras e três canetas-tinteiro, sendo uma delas de ouro.

O Poço	
	[...]
1	No pesqueiro o frio se tornara feroz, lavado daquela umidade maligna que, além de peixe,
2	era só o que o rio sabia dar. Joaquim Prestes e a visita foram se chegando pra fogueira dos
3	camaradas, que logo levantaram, machucando chapéu na mão, bom-dia, bom-dia. Joaquim tirou o
4	relógio do bolso, com muita calma, examinou bem que horas eram. Sem censura aparente,
5	perguntou aos camaradas se ainda não tinham ido trabalhar.
6	Os camaradas responderam que já tinham sim, mas que com aquele tempo quem
7	aguentava permanecer dentro do poço continuando a perfuração! Tinham ido fazer outra coisa,
8	dando uma mão no acabamento da casa.
9	— Não trouxe vocês aqui pra fazer casa.
10	Mas que agora estavam terminando o café do meio-dia. Espaçavam as frases,
11	desapontados, principiando a não saber nem como ficar em pé. Havia silêncios desagradáveis. Mas
12	o velho Joaquim Prestes impassível, esperando mais explicações, sem dar sinal de compreender

13	nem de desculpar ninguém. Tinha um era o mais calmo, mulato desempenado, fortíssimo, bem
14	escuro da cor. Ainda nem falara. Mas foi esse que acabou inventando um jeito humilhante de
15	disfarçar a culpa inexistente, botando um pouco de felicidade no dono. De repente contou que
16	agora ainda ficara mais penoso o trabalho porque enfim estava minando água. Joaquim Prestes
17	ficou satisfeito, era visível, e todos suspiraram de alívio.
18	— Mina muito?
19	— A água vem de com força, sim senhor.
20	— Mas precisa cavar mais.
21	— Quanto chega?
22	— Quer dizer, por enquanto dá pra uns dois palmo.
23	— Parmo e meio, Zé.
24	O mulato virou contrariado para o que falara, um rapaz branco enfezadinho, cor de doente.
25	— Ocê marcou, mano...
26	— Marquei sim.
27	— então com mais dois dias de trabalho tenho água suficiente.
28	Os camaradas se entreolharam. Ainda foi o José que falou:
29	— Quer dizer... a gente nem não sabe, tá uma lama... O poço tá fundo, só o mano que é
30	leviano pode descer...
31	— Quanto mede?
32	— Quarenta e cinco palmo.
33	— Papagaio! Escapou da boca de Joaquim Prestes. Mas ficou muito mudo, na reflexão.
34	Percebia-se que ele estava lá dentro consigo, decidindo uma lei. Depois meio que largou de pensar,
35	dando todo o cuidado lento em fazer o cigarro de palha com perfeição. Os camaradas esperavam,
36	naquele silêncio que os desprezava, era insuportável quase. O rapaz não conseguiu se aguentar
37	mais, como que se sentia culpado de ser mais leve que os outros. Arrancou:
38	— Por minha causa não, Zé, que eu desço bem.
39	José tornou a se virar com olhos enraivecidos pro irmão. Ia falar, mas se conteve enquanto
40	outro tomava dianteira.
41	— Então, ocê vai ficar naquela dureza de trabalho com essa umidade!
42	— Se a gente pudesse revezar inda que bem... murmurou o quarto, também regularmente
43	leviano de corpo mas nada disposto a se sacrificar. E decidiu:
44	— Com essa chubarada a terra tá mole demais, e se afunda!... Deus te livre...
45	Aí José não pôde mais adiar o pressentimento que o invadia e protegeu o mano:
46	— ‘cê besta, mano! E sua doença!...
47	A doença, não se falava o nome. O médico achara que o Albino estava fraco do peito. Isso
48	de um ser mulato e o outro branco, o pai espanhol primeiro se amigara com uma preta do litoral, e
49	quando ela morrera, mudara de gosto, viera pra zona da Paulista casar com moça branca, mas a
50	mulher morrera dando à luz o Albino, e o espanhol, gostando mesmo de variar, se casara mas com
51	a cachaça. José, taludinho, inda aguentou-se bem na orfandade, mas o Albino, tratado só quando as
52	colonas vizinhas lembravam, Albino comeu terra, teve tifo, escarlatina, desinteria, sarampo, tosse
53	comprida. Cada ano era uma doença nova, e o pai até esbravejava nos janeiros: “Que enfermidade
54	le falta, caramba!” e bebia mais. Até que desaparecera pra sempre.
55	Albino, nem que fosse pra demonstrar a afirmativa do irmão, teve um acesso forte de
56	tosse. E Joaquim Prestes:
57	— Você acabou o remédio?
58	— Inda tem um poucadinho, sim sinhô.
59	Joaquim Prestes mesmo comprava o remédio do Albino e dava, sem descontar no
60	ordenado. Uma vidraça que o rapaz quebrara, o fazendeiro descontou os três mil e quinhentos do
61	custo. Porém, montava na marmon, dava um pulo até a cidade só pra comprar aquele fortificante
62	estrangeiro, “um dinheirão!” resmungava. E eram mesmo dezoito mil-réis.
63	Com a direção na conversa, os camaradas perceberam que tudo se arranjava pelo melhor.
64	Um comentou:
65	— Não vê que a gente está vendo se o sol vem e seca um pouco, mode o Albino descer o
66	poço.
67	Albino, se sentindo humilhado nessa condição de doente, repetiu agressivo:
68	— Por isso não que eu desço bem! já falei...
69	José foi pra dizer qualquer coisa mas sobresteve o impulso, olhou o mano com ódio.
70	Joaquim Prestes afirmou:
71	— O sol hoje não sai.
72	[...]

73	Albino com rapidez pegou a corda, se agarrou nela, balanceando no ar. José olhava,
74	atento:
75	— Cuidado, mano...
76	— Vira.
77	— Albino...
78	— Nhô?
79	— ... veja se fica na corda pra não pisar na caneta. Passe a mão de leve no barro...
80	— Então é melhor botar um pau na corda pra fincar os pés.
81	— Qual, mano! Vira isso logo!
82	Albino desapareceu no poço. Todos estavam atentos até que se escutou o grito de aviso do
83	Albino, chegando apenas uma queixa até o grupo. José parou o manejo e fincou o busto no cambito.
84	Passou um minuto, passou mais outro minuto, estava desagradabilíssimo. Passou mais
85	tempo, José não se conteve. Segurando firme só com a mão direita o cambito, os músculos saltaram
86	do braço magnífico, se inclinou quanto pôde na beira do poço:
87	— Achooooo?
88	Nada de resposta.
89	— Achou, manoooo?...
90	Ainda alguns segundos. Aquela voz de poço, um tom surdo, ironicamente macia que
91	chegava em cima em qualquer coisa parecida com um “não”. Os minutos passavam, ninguém mais
92	se aguentava na impaciência. Albino havia de estar perdendo as forças, grudado naquela corda, de
93	cócoras, passando a mão na lama coberta de água.
94	— José...
95	— Nhô. Mas atentando onde o velho estava, sem mesmo esperar a ordem, José asperejou
96	com o patrão: — Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, terra tá solta!
97	Joaquim Prestes se afastou de má vontade. Depois continuou:
98	— Grite pro Albino que pise na lama, mas que pise num lugar só. José mais que depressa
99	deu a ordem. [...] José mudo, cabeça baixa, olho fincado no chão, muito pensando. Mas a
100	experiência de todos ali, sabia mesmo que a caneta-tinteiro se metera pelo barro pelo barro mole e
101	que primeiro era preciso esgotar a água do poço. José ergueu a cabeça, decidido:
102	— Assim não vai não, nhô Joaquim Prestes, precisa secar o poço.
103	[...]
104	Joaquim Prestes perguntou se a água já diminuía. Houve um silêncio emburrado dos
105	trabalhadores. Afinal, um falou com rompante:
106	— Quá!...
107	Joaquim Prestes ficou ali, imóvel, aguardando o trabalho. E ainda foi o próprio Albino,
108	mais servil, quem inventou:
109	— Se tivesse duas caçamba...
110	Os camaradas se sobressaltaram, inquietos, se entreolhando. E aquele peste de vigia
111	lembrou que a mulher tinha uma caçamba em casa, foi buscar. O magruço, ainda mais quieto que
112	os outros, afiançou:
113	— Nem com duas caçambas não vai não! é lama por demais! tá minando muito...
114	Aí José saiu do seu silêncio torvo pra pôr as coisas mais às claras:
115	— De mais a mais, duas caçamba precisa ter gente lá dentro, Albino não desce mais.
116	— Que que tem, Zé? deixa de história! Albino meio que estourou.
117	[...] O magruço resolveu se sacrificar, evitando mais aborrecimento. Interferiu rápido:
118	— Nós dois se reveza, José! Desta eu que vou.
119	O mulato sacudiu a cabeça engolindo a raiva.
120	[...]
121	Albino apareceu na boca do poço. [...] Mas com o frio súbito do ar livre, principiou
122	tremendo demais. o seguraram pra não cair. Joaquim Prestes perguntava se ainda tinha água lá
123	embaixo.
124	— Fa... Fa...
125	Levou as mãos descontroladas à boca, na intenção de anima os beijos mortos. Mas não
126	podia limitar os gestos mais, tal o tremor. Os dedos dele tropeçavam nas narinas, se enfiavam pela
127	boca, o movimento pretendido de fricção se alargava demais e a mão se quebrava no queixo. O
128	outro camarada lhe esfregava as costas. José estava tão triste... Enrolou, com que macieza! a cabeça
129	do maninho no braço esquerdo, lhe pôs a garrafa na boca:
130	— Beba, mano.
131	Albino engoliu o álcool que lhe enchera a boa. Teve aquela reação desonesta que os tragos
132	fortes dão. Afinal, pôde falar:

133	— Farta... é só tá-tá seco.
134	Joaquim Prestes falava manso, compadecido, comentando inflexível:
135	— Pois é, Albino: se você tivesse procurado já, decerto achava. Enquanto isso a água vai
136	minando.
137	— Se eu tivesse uma lúiz...
138	— Pois leve.
139	José parou de esfregar o irmão. Se virou para Joaquim Prestes. Talvez nem lhe
140	transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos:
141	— Albino não desce mais.
142	Joaquim Prestes ferido desse jeito, ficou que era a imagem decomposta do furor. Recuou
143	um passo na defesa instintiva, levou a mão ao revólver. Berrou já sem pensar:
144	— Como não desce!
145	— Não desce não. Eu não quero.
146	[...]

(Mário de Andrade; *Contos Novos (O Poço)*; pp. 59 a 61 – 3ª versão; 26.12.1942)

Os trechos do conto que analisamos descrevem, como posto anteriormente, diálogos realizados nos primeiros anos da década de 1940. Deles participam quatro personagens: Joaquim Prestes, o fazendeiro; Albino, o raquítico rapaz que desce no poço; José, irmão de Albino; e o magruço, amigo dos rapazes.

A linguagem dos empregados dos operários evidencia sua modesta condição cultural de simples trabalhadores do campo e reflete sua posição frente ao patrão, numa relação de respeito, expresso nas formas de tratamento *senhor* (linha 19), *sinhô* (linha 58) *nhô* (linhas 78, 95, 96, 102). A posição de homens simples do campo também é percebida na forma de tratamento da linguagem oral *ocê* (linha 41) e na contração ‘*cê* (linha 46).

O uso da forma pronominalizada *a gente*, representando a primeira pessoa do plural, é de uso comum entre os falantes no Brasil. É recorrente na linguagem utilizada em situações de caráter mais coloquial. Essa locução é encontrada em três momentos do conto: *a gente nem não sabe, tá uma lama...* (linha 29), – *Se a gente pudesse revezar inda que bem...* (linha 42) e em – *Não vê que a gente está vendo se o sol vem e seca um pouco* (linha 65).

A expressão formulaica, frase feita, também indica o falante de cultura modesta, que fala por lugares-comuns, os quais são reconhecidos pelos seus semelhantes e são uma maneira de criar a interação, como em *Deus te livre* (linha 44).

Os marcadores conversacionais são estratégias narrativas de envolvimento do leitor, criando um diálogo mais verossímil. Observamos em três momentos do excerto do conto esse recurso: *quer dizer* (linhas 22 e 29) – note que, nesse caso, a expressão perde sua característica retificativa e assume valor continuativo, *então* (linha 41) e *pois é* (linha 135).

As estruturas sintáticas simplificadas, de frases mínimas, entrecortadas, interrompidas quando o falante intui que o interlocutor já entendeu o que deveria ser comunicado, a ausência

de estruturas subordinadas mais complexas, as elipses e as justaposições são características da linguagem oral.

No texto, temos alguns trechos dos diálogos que expõem claramente essa propriedade, como em: – *Mina muito?* (linha 17), – *Quanto chega?* (linha 21), – *Quanto mede?* (linha 31), em que as frases sofrem omissões de termos que são apreendidos pelos operários em decorrência do contexto do diálogo. A frase entrecortada – *Quer dizer... a gente nem não sabe, tá uma lama... O poço tá fundo, só o mano que é leviano pode descer...* (linhas 29/30) é outro exemplo de uma estrutura sintática característica da linguagem falada.

No âmbito da estrutura sintática simplificada, a elipse configura uma forma de economia linguística. A estrutura da frase simplificada é recorrente na língua falada, tanto pela facilidade da comunicação quanto pela rapidez da linguagem oral. O termo elíptico é facilmente depreendido pelo ouvinte pelo contexto da conversação, como em: *Desta Ø eu que vou.*, em que o termo omitido é “vez” e em – *Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, Ø terra tá solta!*, onde o artigo “a” foi suprimido, bem como em – *Ø ‘cê besta, mano*, expressão em que há uma síncope de alguns fonemas na frase: “– Deixe de ser besta, mano” ou “– Você é besta, mano?”.

A troca de frames conduz o leitor ao momento do diálogo, como se ele fosse um espectador no local do episódio. Podemos observar essa estratégia de aproximar o leitor do diálogo em dois momentos do texto:

– *Albino...*

– *Nhô?*

– *... veja se fica na corda pra não pisar na caneta. Passe a mão de leve no barro...*

(linhas 77-79). Neste trecho, a interrupção da fala de Joaquim Prestes por Albino mostra que o interlocutor está atento ao mando do patrão e à disposição deste.

– *José...*

– *Nhô.*

Mas atentando onde o velho estava, sem mesmo esperar a ordem, José asperejou com o patrão:

– *Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, terra tá solta!*

Joaquim Prestes se afastou de má vontade. Depois continuou:

– *Grite pro Albino que pise na lama, mas que pise num lugar só. José mais que depressa deu a ordem.* (linhas 94-99). Nesse momento do diálogo, a fala do fazendeiro é

interrompida pelo fato de o rapaz alertar o patrão do perigo que este corria por estar muito próximo da beirada do poço. A fala do velho é retomada na sequência da narrativa.

É interessante observarmos a intervenção do narrador no meio do diálogo. Isso ocorre para situar o leitor no clima do diálogo, evidenciando o estado em que se encontra a personagem no momento exato da sua fala. É o que ocorre no excerto: – *Se a gente pudesse revezar inda que bem... murmurou o quarto, também regularmente leviano de corpo mas nada disposto a se sacrificar.* (linhas 42-43), em que o autor sequencia o diálogo em letras minúsculas, como se a ambientação fosse parte da fala do operário, o que permite observar sua condição emocional no momento da fala sem interrupção do discurso direto para o indireto.

Ademais, todos os diálogos são expostos com informações do narrador sobre o estado de espírito dos interlocutores, por meio de adjetivos e advérbios, de tal modo que fica bem evidente a atmosfera no momento da fala: *Joaquim Prestes ficou satisfeito, era visível, e todos suspiraram de alívio* (linhas 16-17); *O mulato virou contrariado para o que falara* (linha 24); *O rapaz não conseguiu se aguentar mais, como que se sentia culpado de ser mais leve que os outros. Arrancou:* (linhas 36-37); *Albino, se sentindo humilhado nessa condição de doente, repetiu agressivo:* (linha 67); *José ergueu a cabeça, decidido* (linha 101); *Houve um silêncio emburrado dos trabalhadores. Afinal, um falou com rompante:* (linhas 104-105); *E ainda foi o próprio Albino, mais servil, quem inventou:* (linhas 107-108); *Aí José saiu do seu silêncio torvo pra pôr as coisas mais às claras:* (linha 114)); *Joaquim Prestes falava manso, compadecido, comentando inflexível:* (linha 134); *José parou de esfregar o irmão. Se virou para Joaquim Prestes. Talvez nem lhe transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos:* (linhas 139-140). Para embasar esta colocação, citamos Preti (2004, pp. 146-7):

Uma microanálise das variações linguísticas no diálogo literário deve contar, quase sempre, com as contribuições do narrador, de sua maneira de descrever a situação de comunicação; é por meio dele que sabemos aspectos importantes de como as personagens interagem no diálogo e podemos avaliar, então, até que ponto as falas correspondem a uma realidade linguística.

[...]

Os leitores reconhecem, pela hipotética entoação das frases, todos esses estados expressos pela fala de cada um e transcritos no texto com o auxílio da pontuação e da descrição do autor. É com esses recursos da língua escrita que conseguimos imaginar como a conversação acontece na história. E está na precisão do narrador a força de tornar vivo o diálogo que lemos. (PRETI, 2004, pp. 146-7)

Da mesma maneira, como pudemos perceber pelo excerto acima, a pontuação é um dos fatores que criam a verossimilhança da oralidade no texto de ficção. No caso do conto *O Poço*, Mário de Andrade explora esse recurso a fim de mostrar o estado das personagens quando estas se pronunciam. Notamos a hesitação e a personalidade servil e tímida de Albino, por meio das reticências no trecho – *Se tivesse duas caçamba...* (linha 109), do mesmo modo que se cria uma expectativa quando “Joaquim Prestes Berrou já sem pensar”: – *Como não desce!*, atitude que é enfatizada pelo uso da exclamação. No trecho *e se afunda!*... (linha 44), o autor utiliza ambas as pontuações para expressar o receio da personagem. A mesma estratégia é usada em – *‘cê besta, mano! E sua doença!*... (linha 46). Notamos que é recorrente o uso de reticências e pontos de exclamação, bem como a combinação de ambas, no texto de Mário de Andrade. Esse é um recurso do autor para deixar clara ao leitor a circunstância da personagem naquele íterim do diálogo.

Outra característica recorrente do texto oral é o vocativo. O vocativo, podemos afirmar, é uma forma linguística usada para chamamento ou interpelação ao interlocutor no discurso direto. Nos diálogos de ficção, é um recurso empregado para destacar a interação verbal. Podemos citar alguns momentos em que percebemos os vocativos: – *Parmo e meio, Zé.* (linha 23); – *Ocê, marcou, mano...* (linha 25); – *Por minha causa não, Zé, que eu desço bem.* (linha 38); – *‘cê besta, mano! E sua doença!*... (linha 46); – *Albino...* – *Nhô?* (linhas 77-78); – *Qual, mano! Vira isso logo!* (linha 81); – *Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, terra tá solta!* (linha 96); – *Assim não vai não, nhô Joaquim Prestes, precisa secar o poço.* (linha 102); – *Que que tem, Zé? deixa de história!* (linha 116); – *Nós dois se reveza, José! Desta eu que vou.* (linha 118); – *Beba, mano.* (linha 130); – *Pois é, Albino: se você tivesse procurado já, decerto achava.* (linha 135). A escolha de determinado vocativo em detrimento de outro revela muito da relação entre os interlocutores, a afetividade ou o respeito, por exemplo, são expressos pelo termo utilizado no contexto da conversação.

A simplificação dos tempos verbais é usual na linguagem falada coloquial. O fato de o usuário preferir usar o presente do indicativo ao imperativo afirmativo se deve pela contaminação – solecismo – devida à facilidade e à recorrência da conjugação verbal. Podemos notar esse uso oral nas passagens dos diálogos: – *Vira.* (linha 76) e – *Qual, mano! Vira isso logo!* (linha 81), em vez de “vire”; *sai daí* (linha 96), no lugar de “saia”; *deixa de história!* (linha 116), em vez de “deixe”. O contraste é bem marcado na fala do fazendeiro, homem letrado, em que o uso do imperativo segue a variação culta da língua, como em: –

Grite pro Albino que pise na lama, mas que pise num lugar só. e ... veja se fica na corda pra não pisar na caneta. Passe a mão de leve no barro... (linha 79).

O mesmo pode se dizer da troca do verbo no pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito – *Pois é, Albino: se você tivesse procurado já, decerto achava.* (linha 135), em que o paralelismo verbal pelo uso do subjuntivo, na linguagem padrão, exigiria o pretérito imperfeito “acharia”.

A troca dos pronomes é um fato da oralidade nas classes mais simples da sociedade. Na linguagem oral cotidiana também pode ser observada, constatando mais uma propriedade da linguagem falada: – *Nós dois se reveza, José!* (linha 118).

As interjeições são termos que, com entonação peculiar, exprimem uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo ou descrevem um ruído; podem ser expressas por palavras (às vezes desenvolvidas em sintagmas) empregadas sobretudo em exclamações expressivas (HOUAISS, 2001). É uma propriedade da linguagem oral e, para tornar mais verossímil, o diálogo serve de artifício para expressar verbalmente o sentimento da personagem: – *Papagaio! Escapou da boca de Joaquim Prestes.* (linha 33), quando o senhor Prestes verbaliza a sua surpresa, e *Que enfermidade le falta, caramba!* (linha 54), em que há uma visível indignação do pai pelas constantes doenças do filho. Cabe ressaltarmos a peculiaridade da interjeição no trecho – *Quá!...* (linha 106), em que demonstra a raiva súbita do velho em relação aos seus empregados.

No texto de Mário de Andrade, em questão, é abundante o uso de alterações gráficas em palavras dos diálogos transcritos em virtude da variação fonética de alguns vocábulos da língua. Essa alteração nas palavras do dia a dia é comum ao homem simples, sem ou com pouco estudo; é o falar do povo da roça, do sertão, dos menos favorecidos intelectualmente. O autor utiliza esse recurso para mostrar a fala desse homem nas palavras *percisa* (linha 20); *parmo* (linha 23); *mode* (linha 65); *farta* (linha 133); *lúiz* (linha 137).

Dependendo da situação de comunicação, a entonação da palavra na linguagem falada pode ser alterada devido a fatores externos – ambiente, estado emocional do falante etc. Em dois momentos, o autor consegue envolver o leitor na cena de tal modo que a transcrição da fala reflete claramente a disposição da personagem naquele momento do diálogo e se torna um quadro vívido da interação. Quando José grita para seu irmão que está dentro do poço, a reprodução do seu grito mostra como as palavras foram ouvidas pelo interlocutor. Ao mesmo tempo, a sensação do grito prolongado é passada ao leitor: – *Achoooooou?* e repete – *Achou, manoouooou?...* (linhas 87-89).

Esse recurso, ampliação da vogal, é exclusivo da oralidade e muito bem mostrado pelo autor. Em outra cena, o frio intenso, causticante, faz com que o raquíco Albino mal pronuncie as palavras. O escritor mostra a palavra entrecortada, balbuciada, o que faz o leitor se compadecer do pobre rapaz: – *Fa... Fa...* (linha 124) e – *Farta... é só tá-tá seco.* (linha 133). A transposição da fala para a escrita mostra claramente que a personagem chega a gaguejar pelo sofrimento causado pelo frio.

Outra marca da linguagem falada é o uso de dêiticos de reforço que surgem como artifícios expressivos na interação do diálogo. Podemos perceber essa marca no excerto: – *De mais a mais, duas caçamba precisa ter gente lá dentro, Albino não desce mais.* (linha 115).

A linguagem popular é espontânea, despreocupada e natural. Assim sendo, é comum observarmos solecismos – erros de regência e concordância – na linguagem falada, instintiva. De algumas passagens, pudemos compilar esse desvio, o que confere uma aproximação da realidade da oralidade ao texto ficcional, por mostrar a linguagem dos operários. São estas passagens: – *A água vem de com força, sim senhor.* (linha 19); – *Quer dizer, por enquanto dá pra uns dois palmo.* (linha 22); – *a gente nem não sabe* (linha 29); – *Quarenta e cinco palmo.* (linha 32); – *Se tivesse duas caçamba...* (linha 109).

A simplificação das palavras por meio da abreviação é comum na linguagem coloquial falada do dia a dia. Percebemos esse recurso nas passagens: – *Quer dizer, por enquanto dá pra uns dois palmo* (linha 22); – *a gente nem não sabe, tá uma lama... O poço tá fundo* (linha 29); – *Se a gente pudesse revezar inda que bem...* (linha 42); – *Com essa chuvarada a terra tá mole demais* (linha 44); – *Inda tem um poucadinho.* (linha 58); – *pau na corda pra fincar os pés* (linha 80); – *tá minando muito* (linha 113). Em – *Grite pro Albino que pise na lama* (linha 98), o uso da palavra contraída é do fazendeiro, o que corrobora o fato de que esse recurso não é exclusivo das classes menos favorecidas.

O diminutivo e o aumentativo são comuns na linguagem oral, denotam afetividade e conseguem exprimir o estado do falante quando do uso do termo. Em duas falas, notamos essa variação: – *Inda tem um poucadinho, sim sinhô* (linha 58), que revela a personalidade frágil e simplista de Albino e em – *“um dinheirão!” resmungava.* (linha 62), que demonstra a indignação do fazendeiro.

A repetição é corriqueira na oralidade. No diálogo, reforça a face do falante e é um artifício para ratificar a argumentação, captando a atenção do ouvinte. No excerto, não observamos a repetição de palavras lexicais, mas encontramos uma passagem em que a repetição da palavra gramatical “que” é um exemplo da linguagem falada: – *Que que tem, Zé?*

deixa de história! Albino meio que estourou. (linha 116). E também a repetição do advérbio de negação em – *Nem com duas caçambas não vai não.* (linha 113)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto que nos serviu de base para análise mostrou como as mais triviais manifestações da linguagem oral podem ser expressas em um diálogo de ficção. Entretanto, essas marcas de oralidade não aparecem aleatoriamente. Elas requerem uma habilidade primorosa do autor que procura aproximar as falas das personagens da realidade do leitor, configurando um modo de trazê-lo para a ambientação da narrativa.

Ao trabalhar o texto da década de 1940, pudemos observar que essas marcas de oralidade não perderam sua força, sua vitalidade. Isso demonstra que as particularidades da linguagem oral podem ser detectadas e analisadas em um texto literário, considerando a sua permanência na língua por um período de tempo considerável. Desse modo, podemos afirmar que os recursos podem ser avaliados sob um olhar moderno, sem deixar de apreender as intenções do autor na época em que foi tecida a narrativa e os diálogos que a compõem.

Ao utilizar a oralidade no diálogo de ficção em *O Poço*, Mário de Andrade consegue envolver o leitor a ponto de este sentir que acompanha a interação das personagens como um espectador, como se vivenciasse a cena em cada uma dos intercâmbios das falas. Assim, podemos inferir que a macro e a microanálise textual nos permite estabelecer um modelo teórico de análise da fala das personagens diante dos artifícios que o autor usa para criar uma atmosfera verossímil para a narrativa por meio do diálogo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. 17^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

BENINCASA, Vladimir. *Fazendas de Café: O patrimônio arquitetônico rural em São Paulo, Brasil, 1800-1940*. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo – FAPESP In casabranca.sp.gov.br/ftp/museu/VladimirBenincasa. S.d. Acesso em: 02.06.2013.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

HOUAISS, A.; FRANCO, F. M. M.; VILAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

LEITE, Marli Quadros. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In SILVA, Luiz Antônio (org.). *A língua que falamos*. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *O tratamento da oralidade no ensino de línguas*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 1993.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Fábila de Mello e LOPES, Maria Teresa do Rêgo. *O início da Apicultura no Brasil*, <http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2011/o-inicio-da-apicultura-no-brasil>, 2011. Acesso em: 02.06.2013.

PINHEIRO, Noslen Nascimento. *A expressividade dos neologismos sintagmáticos na prosa de Mário de Andrade*. Dissertação de mestrado. USP, 2008.

PRETI, D. *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ABSTRACT

*In this article, we investigate the oral marks in a literary text. Based in such statement, the analysis is based on the premise that to adopt the aspects of an oral conversation is a method used by the author to involve the reader in the narrative, to bring him closer to reality. The corpus is an excerpt of the short story *O Poço*, by Mário de Andrade. We used two basis to develop the research: the macroanalysis and the microanalysis of the conversation, which help to delineate a theoretical model for analysis, in order to relate the fictional written text to the oral reality. To support our study, we develop the references using Coseriu (1987), Marcuschi (2001) and Preti (2004) theories.*

Key Words: *Literary text. Oral Communication. Fictional Dialogue.*

Envio: Outubro/2013
Aprovado para publicação: Outubro/2013